

Sociedade de Amigos do Museu
Francisco Tavares Proença J.º

MATERIAES



III SÉRIE | N.º 1 | 2016

Título

Materiaes

Direção

Presidente do Conselho Diretor da SAMFTPJ
Maria Adelaide Neto Salvado

Propriedade

Sociedade dos Amigos do Museu Francisco Tavares de Proença J^{or}

Edição

Sociedade dos Amigos do Museu Francisco Tavares de Proença J^{or}

Apoio

Câmara Municipal de Castelo Branco

Design

Carine Pires
Sílvio Mendes
RVJ - Editores

Edição e Impressão

RVJ, Editores, Lda.

Av. do Brasil, n.º 4 r/c | Apartado 262 | 6000-909 Castelo Branco
Telf. 272 324 645 | Fax. 210 112 063 | Telm. 965 315 233
www.rvj.pt | email. rvj@rvj.pt

ISSN

1647-9637

Depósito Legal

415815/16

Tiragem

250 exemplares

Data

2016

A EPIGRAFIA (IM)POSSÍVEL

José d'Encarnação*

Já é naturalmente admissível serem os estudos epigráficos indispensáveis para melhor se compreenderem muitas das situações narradas em História. E se esta interdisciplinaridade Epigrafia – História se aceita sem restrições, porventura ainda poderão levantar-se, aqui e além, algumas hesitações no recurso ao epigrafista.

O objectivo desta nota visa documentar, com ocorrências concretas, o contributo que a Epigrafia pode dar, rodeando-se também o epigrafista, por seu turno, de variados saberes proporcionados noutros domínios culturais. Trata-se de uma epigrafia possível; mas, de quando em vez, deparamo-nos com textos tão sibilinos – por lhes desconhecermos o contexto original em que foram gravados e, até, em que idioma o foram – ou em tão mau estado de conservação que só podemos aventar hipóteses e dá-los a conhecer, pois pode acontecer que, noutros locais, algo de semelhante possa aparecer.

1. Manuel Severim de Faria

A 11 de Setembro de 2006, dava-me conta o Dr. Mário Rui Simões Rodrigues de «uma pequena placa em prata que o Chantre Manuel Severim de Faria ofereceu à Senhora dos Covões, uma ermida da serra de Alvaiázere, depois de a visitar em 1625», viagem conhecida «pela descrição que dela fez o próprio Chantre ou, talvez mais rigorosamente, o seu sobrinho». Informava-me, ainda, Mário Rodrigues que o texto se referia a «uma imagem milagrosa descoberta em 1400 por uma menina, imagem essa que teria sido escondida numa gruta (daí a palavra Covões) durante a ocupação sarracena».

* CEAACP – Universidade de Coimbra

Preparava, então, o livro *Viagens pela História de Alvaiázere*¹ e gostava de incluir nele essa inscrição (Fig. 1), «transcrita nas informações paroquiais de 1721, com erros». E deu-me a seguinte leitura:



Figura 1.

HVIC
MARIAE VIR
GINIS IMAGINI QUE
A CHRISTIANIS IN
HISPANIAR. CLADE
SARRACENOS FVGIEN
TIB. SPELVNCA PROXIMA
FUIT ABSCONDITA, ET AN
NO 1400 DIVNT. REPER
T. EMMANVEL SEVERIM DE
FARIA CAN. ET CANO
NIC. EBOR. HANC BA
ZIM ET ADIT. EX V.
C. D. Q. ANNO
1626

Punha-me diversas dúvidas em relação à interpretação de siglas e de grafias, que, no decorrer da troca de correspondência, acabaram por se resolver da forma considerada mais acertada.

Confesso que de Manuel Severim de Faria apenas ouvira falar na Faculdade, quando, na disciplina de História Moderna, salvo o erro, o Professor Borges de Macedo nos explicava as doutrinas económicas, já de cunho pré-mercantilista, que Severim de Faria advogara. De facto, logo o I discurso do seu *Noticias de Portugal*

1 - Aí se fazem três referências à placa: p. 210-211, quando se relata a viagem de Manuel Severim de Faria a Maças de D. Maria e a Alvaiázere, concretamente à Ermida de N.ª Sr.ª dos Covões; p. 316, em apêndice à descrição dos Covões por Frei Agostinho de Santa Maria, no *Santuário Mariano*, cujo relato alude também à placa; e na p. 338, onde vem a transcrição da Informação Paroquial de 1721, de Alvaiázere, incompleta, pois que suprime ADIT e confunde o Q final com um G. A epígrafe volta a ser referida em RODRIGUES e GOMES 2007, p. 107-108.

(1655, p. 1-32), fala dos «meios com que Portugal pode crescer em grande número de gente para aumento da milícia, agricultura e navegação»; de resto, na 2ª edição, de 1740, acrescentada pelo Padre D. José Barbosa, puxa-se a título a informação do conteúdo: «em que se declaram as grandes comodidades que tem para crescer em gente, indústria, comércio, riquezas e forças militares por mar e terra [...]». Como se vê, um livro da maior actualidade!...

Além disso, sintomático é também o primeiro dos *Discursos Vários Politicos* (1624): «Do muito que importará para a conservação e aumento da Monarquia de Espanha assistir sua Majestade com sua Corte em Lisboa» (p. 1-22). Inseria-se, pois, Severim de Faria no número daquela plêiade de escritores que, no primeiro quartel do século XVII, ainda acreditavam que, estabelecendo-se a Corte em Lisboa, se ganhariam, de facto, os dividendos por que se ansiava, desde 1580, data em que boa parte do Clero, dos Nobres e da burguesia haviam aceitado a união entre os dois reinos peninsulares, em virtude das aliciantes promessas feitas por Filipe II nas Cortes de Tomar (cf. Encarnação 1969 e 1987).

Fiquei, por conseguinte, ainda mais curioso em relação a este seu ex-voto. Aceitaram os autores a minha proposta de leitura e tradução, que peço licença para agora transcrever:

HVIC / MARIAE VIR/GINIS IMAGINI, QVE
 / A CHRISTIANIS IN HISPANIAR(um). CLADE /
 SARRACENOS FVGIEN/TIB(us). SPELVNCA. PROXIMA
 / FVIT ABSCONDITA, ET AN/NO 1400 DIVINITVS
 REPER/TA, EMMANVEL SEVERIM DE FARIA CANT(or).
 ET CANO/NIC(us). EBOR(ensis). HANC BA/ZIM ET
 ADIT(iculum). EX V(oto). / C(onsecravit). D(edicavit)Q(ue).
 ANNO / 1626

«Para esta imagem da Virgem Maria – que, por ocasião da derrota das Hispânicas, foi, pelos Cristãos que dos Sarracenos fugiam, escondida na gruta próxima e milagrosamente encontrada no ano de 1400 – consagrou e dedicou, em cumprimento de uma promessa, Manuel Severim de Faria, chantre e cónego eborense, este pedestal e uma edícula, no ano de 1626».

As dúvidas prendiam-se com a data: deveria ler-se 1400 ou 1480?² Optei por 1400, por me parecer que estavam os dois zeros enlaçados para poupar espaço. Também a abreviatura DIVNT, causou perplexidade a princípio; contudo, são bem nítidas as duas pintinhas dos II sobre o N (em nexa com o T) e o que ora aqui grafei como vírgula é a sigla por que se representava a terminação *us*; trata-se da palavra *divinitus*, advérbio com o sentido de ‘milagrosamente’. Para ADIT a primeira sugestão foi reconhecer aí a abreviatura de *aditus*, «entrada»; pensei, por extensão, em o traduzir por nicho, considerando que o cónego poderia ter mandado fazer, por voto, o pedestal e o nicho onde a imagem doravante se veneraria; optou-se depois por *aditacula*, donde derivou o português edícula, perfeitamente aplicável a um pequeno nicho. E por sugestão, bem apropriada, de Mário Rui Rodrigues, em vez de se traduzir *cantor* por ‘cantor’, preferiu-se chantre, «uma palavra bastante mais rica de conteúdo», porque «Manuel Severim de Faria era chantre na Sé de Évora, o mestre da *Schola Cantorum*».³

Redigido em Latim, como era de uso nessa primeira metade do século XVII e até porque o seu autor era um sacerdote, o texto apresenta, naturalmente, nexos (ou seja, letras enlaçadas) para poupar espaço; abreviaturas de palavras cuja compreensão seria fácil, assinaladas ademais por pontos (que, por esse motivo, mantive na transcrição); houve até cuidado em, num texto que é em capitais,

2 - Na verdade, conforme Mário Rui Rodrigues teve ocasião de me informar – o que muito agradeço –, no relato manuscrito de Severim de Faria, existente na Biblioteca Nacional de Portugal, está 1400 (Rodrigues e Gomes 2007, p. 100, nota 189); Frei Agostinho de Santa Maria também escreve 1400 (Rodrigues 2006, p. 314); Joaquim Veríssimo Serrão (1974, p. 149) transcreveu 1480, assim como a edição feita na revista *Nação Portuguesa*, vol. IX, 1934, fasc. II, p. 96.

3 - Optou-se por omitir, na transcrição, a cedilha visível na palavra SARRAÇENOS.

se assinalarem em módulo maior as maiúsculas. A fórmula final, em siglas, deve muito à formação clássica do chantre, habituado a ver formulários semelhantes, não digo já em inscrições romanas, mas nas renascentistas que as romanas imitaram.

Quanto ao conteúdo informativo, já o Dr. Mário Rodrigues se pronunciou; e o que ora importa salientar é, por um lado, o facto de a placa nunca ter passado despercebida e sempre lhe ter sido atribuído grande valor documental; por outro, as curiosas explicações que aduz, ainda que sucintas e impregnadas de religiosidade, acerca de um acontecimento que foi, sem dúvida, bem real. E porque assim se quis, numa placa duradoura se gravou – para os vindouros.

2. Uma passagem da *Arte Poética*, de Horácio

O meu amigo Hans Daehnhardt, que vive em Hannover há muitos anos e tem dedicado à Arqueologia boa parte das horas da sua aposentação, apaixonado como é por tudo o que respeita à civilização fenícia, que reputa ter tido uma influência muito maior do que se pensa no território actualmente português, escreveu-me, a 18 de Outubro de 2006:

«Chegou-me à mão uma inscrição que se encontra num móvel antigo (não sei se cadeira ou qualquer outro móvel) como abaixo segue:

LOQUERIS SI VIS ME FLERE DOLENDUM EST
TELEPHE VET(T) PELEU MALE SI IPS(I)) DORMITABO
AUT MANDATA ON SATIS EST PULCHRA RIDEMIBUS
ADRIDENT ITA (HA?) RIDEBO

Quis saber mais pormenores: «Não há uma foto para se cotejar a leitura? E o móvel de que contexto veio? Era dalguma igreja? E no móvel qual o lugar da inscrição? São tudo elementos que ajudam a mais fácil leitura e decifração» – perguntei-lhe no dia 22.

«Infelizmente não há foto», retorquiu-me, a 27 do mesmo mês. «Trata-se de uma cadeira baixa forrada e a inscrição está no forro. A cadeira parece ser recente, cerca de 60 anos, mas o forro, a meu ver, é parte de um Gobelin antigo e foi utilizado para forrar a cadeira. Estas práticas de ‘assassinatos’ de antiguidades na Alemanha são corriqueiras, especialmente depois da guerra. Disse ao proprietário que só poderei eventualmente dizer o que é a inscrição. Não dei a minha opinião ao proprietário, que julga ter um móvel antiquíssimo».

Dei, pois, a questão quase como encerrada:

«De facto, amigo Hans, também neste caso só uma fotografia poderia dar uma ajuda substancial e não vale a pena matar a cabeça sem dela podermos dispor – caso o proprietário esteja interessado em saber o que ali está.

Contudo, a ser um gobelin, seria, na verdade, interessante saber o que diz a legenda para se chegar, através dela, à ‘reconstituição’ da cena que o tapete representava.» (28-10-2006).

Mantive, porém, a correspondência entre os assuntos pendentes, à espera de melhores dias; e, ao pensar neste artigo, achei que poderia ser mais um bom exemplo de epigrafia impossível. Acabou por não ser, uma vez que – a cinco anos de distância – essas poucas palavras foram susceptíveis de me levar à solução do enigma.

Trata-se de uma conhecida passagem da *Arte Poética* de Horácio (100-104), que o meu amigo, certamente devido à reutilização da peça têxtil em mais do que um fragmento, não logrou reconstituir na sua sequência original, que é a seguinte:

Si vis me flere, dolendum est primum ipsi tibi; tum tua me infortunia laedent, Telephe uel Peleu; male si mandata loqueris, aut dormitabo aut ridebo.

O que significa, na tradução de Rosado Fernandes (1984, p. 71):

«Se queres que eu chore, hás de sofrer tu primeiro: só teus infortúnios podem comover-me, quer sejas Télefo quer Peleu; se, porém, recitares mal o teu papel, dormirei ou cairei no riso».

Insere num tratado de «arte poética», destinado a introduzir os leitores, ainda que «sem qualquer intento escolar, na verdadeira essência da poesia» (Fernandes, p. 29), a frase tem um significado preciso no seu contexto original. Aliás, esse excerto vem na sequência desta afirmação: «Assim como o rosto humano sorri a quem vê rir e aos que choram se lhes une em pranto, também se queres...».

Justifica-se, pois, aqui a alusão, por comparação, a esses dois heróis gregos. Télefo («o que brilha longe»), foi um dos mais famosos e venerados filhos de Hércules – Fig. 2. Teria sido dos primeiros a contemplar a beleza de Helena de Tróia; contudo, a sua vida não pode, porém, considerar-se assaz afortunada, porque «ferido por Aquiles nos campos de Tróia, vai, como mendigo, ao campo dos Gregos, em Argos, a fim de sarar a ferida, da qual, segundo um oráculo, só assim se curaria» (Fernandes, 70). O mesmo se poderá dizer de Peleu, pai de Aquiles,

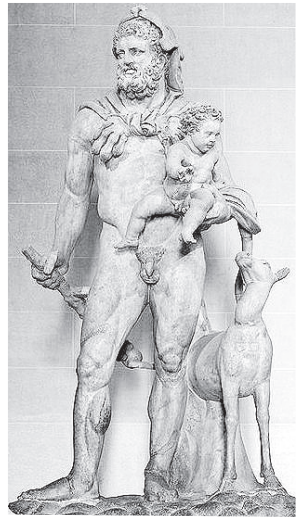


Figura 2. Hércules e Télefo.
Museu do Louvre

que, devido a vários revezes da sorte, acabou por ter de fugir das terras gregas... (*ibidem*). Para Horácio, neste passo, apresentam-se, por consequência, como exemplos de pessoas famosas mas desafortunadas, sofredoras, mui dignas de compaixão; por isso escreve: «Só teus infortúnios podem comover-me».

Do ponto de vista da teoria literária, explicita o Doutor Rosado Fernandes que também esses casos vêm aqui aduzidos por haverem sido estilisticamente mal apresentados: «[...] o estilo não se adapta aos caracteres e ao género literário em que estes e as suas paixões estão integrados» (*ibidem*).

Contudo, não termina aqui, com a identificação da frase, a missão do epigrafista: cumpre-lhe, agora, levantar questões.

Primeiro: seria a frase a legenda de uma cena de cariz eventualmente mitológico, relacionável, quiçá, com a história de algum destes heróis? Ou, tratar-se-ia, ao invés, de uma citação moralizante que se tornara habitual em determinadas circunstâncias? Se sim, haverá, provavelmente, outros exemplos e até pode ser que esse constitua – ou tenha constituído – um dos ‘cartões’ das tapeçarias, sempre ricamente ilustradas, da *Manufacture Nationale des Gobelins*. Por conseqüência, aqui está uma pista de investigação a seguir – se é que já não foi seguida. Aliás, antes disso, importaria interrogar-nos se esta passagem da *Arte Poética* de Horácio, assim descontextualizada, não terá sido amiúde trazida à colação ao longo dos tempos, mesmo em obras literárias, mormente no Renascimento e/ou nos tempos neoclássicos. Que é bastante conhecida é, dada a freqüência com que se documenta a sua citação, designadamente pelos teóricos de Retórica e Eloquência.

3. Lápide de sacristia




A 7 de Agosto de 2006, lançava José Dominguez Valonero, no fórum *Arqueohispania* a questão: «¿Puede alguien traducir esta lápida funeraria?». E apresentava foto e desenho (Fig. 3 e 3a).

E como, a uma consulta minha, me respondeu, no dia 12, «No. Nadie ha traducido la lápida. Si Vd. puede traducirla se lo agradeceré», usei responder-lhe no dia seguinte:

«Tratando-se, amigo, de uma inscrição de 1692, vem num latim popular, em que a oralidade – em meu entender – exerceu forte

influência. Não creio, porém, tratar-se de inscrição funerária, mas sim de uma oração, quicá uma das que o sacerdote deveria dizer antes de ir celebrar a missa, se a sacristia é o local original da peça. Na verdade, creio poder interpretar a última palavra como Amém (escrito HAME) e, no início, haverá algo como AD DOMINE VIRTVTEM... Creio poder intuir algo como: «Para a virtude, Senhor, purifico as minhas mãos para que possa servir-Tê tanto com a mente como com o corpo. Amém!».



A) I O M  T V E V I R
 V E M M A N I B U S M E I S
 A D A B S E R G E N D
 O : V E M L M T S I E F O L V E
 M E S E T C O R P S B A L E A M
 T I S E R V I R E H A M E
 16   92

Figuras 3 e 3a.

Distinguem-se palavras como *meis, ut, sive, mentes, corpus, servire...* Os casos latinos estão estropiados, penso eu, porque se deveria dizer, por exemplo, *tibi servire* e está *tui servire*. *Baleam* creio ser o presente do conjuntivo de *valere*, «valeam», ‘possa’.

Julgo que uma consulta a um sacerdote lhe poderá ser útil, pois que logrará, decerto, descobrir o que está por detrás desse texto muito mal copiado».

A 18 de Agosto, obtive a seguinte resposta:

«Muchas gracias por su colaboración. Dentro de unos días volveré a insertar la transcripción de la lápida y una fotografía de ella.

La lápida se encuentra en la sacristía de la iglesia parroquial de Encinasola, un pueblo que está en el extremo noroeste de la provincia de Huelva (Andalucía), limitando con Portugal y Badajoz. Sus dimensiones deben de ser de unos 70 x 70 cm., aproximadamente».

de dois motivos em forma de jactos de água simétricos e em curva descendente.

Mais uma vez, a Epigrafia, em interdisciplinaridade – neste caso, tendo em conta o contexto e munindo-se dos auxílios que, na circunstância, se revelaram os mais oportunos – acabou por decifrar algo que, à primeira vista, parecia indecifrável.

Agradei, naturalmente, ao Padre Afonso Cunha a sua prestimosa ajuda. Verifico agora – por consulta, às 22.50 horas de 30-11-2011, do portal http://issuu.com/chito65/docs/iglesia_parroquial_encinasola – que os dados por mim fornecidos foram por José Domínguez Valonero inseridos numa monografia,⁴ datada precisamente de 2006 (p. 35-36), sem que, no entanto, a fonte venha citada nem o meu nome figure nos agradecimentos da pág. 5. Nada, porém, que obnubile o duplo prazer que tive: em ser útil, na minha missão de epigrafista e, sobretudo, no entusiasmo de uma descoberta. Note-se que o apelo fora lançado, como disse, num fórum de discussão sobre Arqueologia da Península Ibérica, que conta com largas centenas de subscritores e Valonero confessou-me, em e-mail de 7 de Outubro de 2006: «Le quedo muy agradecido por el gran interés con que se ha tomado mi consulta. Sólo he recibido dos respuestas. La única interesante es la suya, pues la otra carece de valor, ya que nada aporta al tema. Nuevamente le expreso mi agradecimiento y quedo en espera de sus noticias». Enviei-lhas e foi agora, ao pegar nesta epigrafia (im)possível, que me apercebi de que, afinal, fora... muito mais útil do que pensara!⁵

4 - La Iglesia Parroquial de San Andrés Apóstol y la Ermita de los Santos Mártires – Encinasola (Huelva), 2006.

5 - Valdonero colocou também o texto, igualmente sem referência à minha intervenção, na página 18 do opúsculo que publicou na Internet sobre esse templo, sob o título «LA IGLESIA PARROQUIAL DE ENCINASOLA» (consultado às 23 horas de 30-11-2011): <http://www.slideshare.net/Valonero/la-iglesia-parroquial-de-encinasola>

4. Santa Maria Madalena

E vamos quedar-nos em ambiente religioso, pois, na verdade, é de modo especial nesse ambiente que os textos epigrafados surgem.

Assim, a 5 de Abril de 2006, a Dra. Catarina Alarcão, a trabalhar em conservação e restauro no Museu Nacional de Machado de Castro, em Coimbra, lançou-me o seguinte pedido:

«Quería pedir-lhe um favor se possível: traduzir-me uma inscrição que aparece numa predela de retábulo que estou a tratar neste momento e que é de João de Ruão, portanto do séc. 16. A inscrição aparece na parte inferior da predela e está entre 2 linhas rectas. As letras são todas do mesmo tamanho. A primeira parte da inscrição (primeiras 2/3 letras não têm qualquer leitura. O que se lê depois é:

...M OVEREBAM (triângulo invertido) APPARVIT (triângulo invertido) MICHI (triângulo invertido) ET (triângulo invertido) DVM (triângulo invertido) FIEREM (triângulo invertido) AT

Não tenho a certeza se as duas primeiras letras da penúltima palavra são realmente F e I».



Figuras 5 e 5a.

A mensagem vinha acompanhada da fotografia (Fig. 5 e 5a).

Respondi a 5 de Abril:

«Assim à primeira vista parece-me fragmento de frase tirada das Escrituras. Vamos ver se consigo encontrar alguém que a possa enquadrar no seu todo. QVEREBAM significa «procurava»; *apparuit michi* = apareceu-me; *et dum fierem* =

e enquanto me tornar (?)... Os triângulos invertidos são os pontos de separação das palavras. O início pode ser DVM = enquanto. Faz todo o sentido: quando o procurava, apareceu-me e quando... AT é uma palavra que precede, habitualmente, um complemento circunstancial de lugar».

Perdoar-me-á o leitor se, neste caso como nos anteriores, lhe dou conta das fases da investigação, porque se me afigura interessante verificar como é que a pesquisa pode desenrolar-se. Não ousarei dizer que possam estas ser exemplares; são, contudo, um exemplo.

Socorri-me, então, a 16 de Maio, da experiência do Doutor José Maria Pedrosa Cardoso, que me indicou um sítio com edições digitais da Bíblia – <http://www.ub.uni-freiburg.de/referate/o4/bibelinh.htm> – e acrescentou: «Cheira-me a Novo Testamento, efectivamente, talvez um relato de uma aparição de Cristo». Acrescentava, contudo: «Se não conseguires, para a semana ajudo a encontrar». Não consegui e prosseguimos, pois, na pesquisa, com mais um dado que de pronto se retirou da cena retratada no retábulo: a aparição de Jesus a Maria Madalena. Com esse elemento nas mãos se percorreram diversas vias e pôde o Doutor Pedrosa Cardoso chegar a uma conclusão, que, a 2 de Outubro, comuniquei à Dra. Catarina Alarcão nestes termos:

«Processo interessante este, digno de ser referido como... os caminhos por onde se tem de seguir para chegar a uma conclusão! E temo-la! Até ao Vaticano fomos!...

A frase teria duas linhas, está escrita num Latim com reflexos da oralidade. Foi colhida no Ofício de Matinas da Festa de Santa Maria Madalena, que se celebra a 22 de Julho: está no responsório da 2ª lição do 1º Nocturno e reza assim:

DVM QVEREBAM APPARVIT MICH I ET DVM FLEREM AT
MONVMENTVM VIDI DOMINVM MEVM

«Enquanto procurava, apareceu-me; e, enquanto chorava junto ao sepulcro, vi o meu Senhor».

QVEREBAM está por QVAEREBAM; MICHI por MIHI; AT por AD – são os tais reflexos da oralidade.

Bem hajas por me teres dado a oportunidade de fazer esta investigação, onde deteve papel importante o Prof. Doutor José Maria Pedrosa Cardoso, docente da nossa Faculdade de Letras e do Conservatório Nacional».

5. Uma inscrição de Sobrosa (Paredes)

A 6 de Julho de 2007, escreveu-me Cristiano Marques, que, embora a terminar, então, a licenciatura em Engenharia Informática, desde há anos se dedicava também à história local, em particular a da freguesia onde sempre vivera: Sobrosa, do concelho de Paredes, distrito do Porto. Pedia o meu apoio para interpretar a inscrição gravada numa pedra que estivera na parede exterior da capela-mor da igreja de Santa Eulália de Sobrosa e de que me enviou fotografia (Fig. 6).

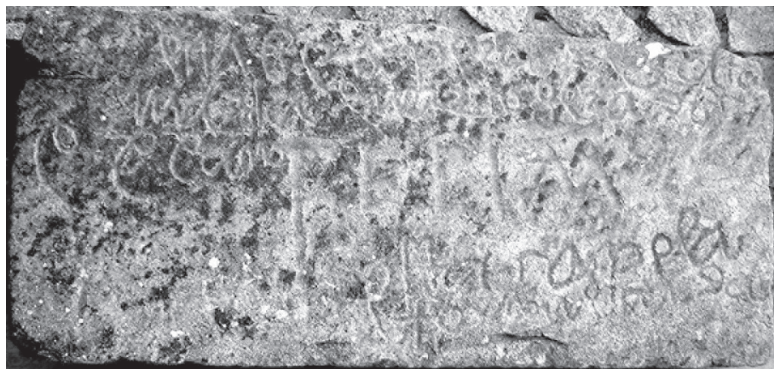


Figura 6.

Diga-se, antes de mais, que este é o tipo de epígrafe sobre que mais vezes me consultam: pedras metidas em muros ou mesmo em

edifícios e que, mesmo estando à vista de todos, raramente alguém se dispôs a decifrar, porque – como o presente caso bem documenta – não é fácil a leitura e a interpretação ainda o será menos.

Trata-se de uma escrita cursiva: o texto foi seguramente gravado a partir de uma minuta, manuscrita em letra pequena. Daí que eu tenha respondido a Cristiano Marques que seria mais um mistério para paleógrafo do que para epigrafista. E se nos pergaminhos nem sempre adregamos chegar a conclusões, por a escrita ser fluente e socorrer-se de siglas e de abreviaturas que, ao tempo, todos entendiam, maior é a dificuldade numa superfície pétrea, sujeita como está às intempéries, às regravações, aos estragos... porque continua a ser grande, mesmo em nossos dias, a tentação de escrever numa parede onde outras inscrições já existem...

A segunda dificuldade prende-se com a língua. Claro que, no caso português e para inscrições deste tipo, em que se conseguem identificar signos passíveis de serem letras do alfabeto latino, o normal é colocarmos apenas a questão: português ou latim? E, vai daí, tentamos ver se descobrimos alguma palavra.

No caso vertente, a penúltima linha (Fig. 6a), que está um tudo-nada destacada do resto da epígrafe, acaba por

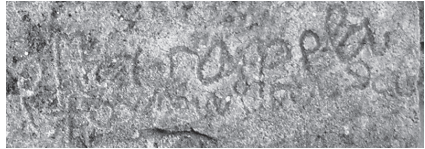


Figura 6a.

não oferecer dúvida nem de leitura nem de interpretação: **esta capela**. A frase continua na linha seguinte: **foy**. Falta compreender agora o adjectivo verbal que se lhe segue: **edificada** seria uma boa hipótese, até porque não oferece dúvida o **da** final, com o **d** grafado em jeito de teta cursivo grego, mas também pode ser **restaurada**, por exemplo.

Afigura-se-me que o leteiro se encontra completo, ainda que a fractura superior haja atingido levemente o fim da primeira linha. A segunda linha está completa e dá a impressão que apenas se terá escrito no início da

linha 3, onde, à primeira vista, seríamos tentados a ver três CCC – de um numeral a indicar data, até por nos parecer existir uma barra horizontal, comum para assinalar os numerais – se não tivéssemos bem diferente o c da palavra ‘capela’.

O carácter cursivo, de cópia de manuscrito, está bem nítido no ‘lançamento’ do **s** de **esta**, muito esguio e de voltas simétricas, assim como no **t** da mesma palavra, de barra que corta a meio a haste vertical; ou ainda no **a**, claramente desenhado com dois movimentos, à mão levantada.

No seguimento da linha 2, sem dúvida obra de outra mão, posterior à gravação (o que se deduz facilmente da diferença de pátina no rasgo), uma palavra de letras em módulo muito maior e de rasgo redondo: FECIM, com uma barra sobre o M (Fig. 6b). Não se me ocorre, de momento, qualquer hipótese de interpretação desse eventual vocábulo,

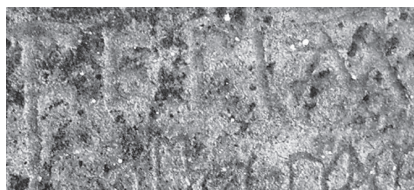


Figura 6b.

ainda que me incline para ver aí o nome da pessoa que, desta sorte, quis marcar a sua presença ali – como ainda hoje há a tendência de gravar nomes em locais onde previamente

outras inscrições existiam.⁶

Estou, pois, em crer que – com muita paciência e perseverança – uma observação atenta da pedra, desenhando letra a letra, a inscrição se logrará decifrar. E o que parece, agora, uma epigrafia impossível habilita-se a vir a ser uma... epigrafia possível! Na verdade, atendendo ao que se consegue ler, nas primeiras linhas estarão, certamente, indicações acerca das circunstâncias (pessoais e cronológicas) em que a capela terá sido erguida (ou restaurada)

6 - Há em Foz Côa, junto das gravuras pré-históricas, a gravura de uma custódia e a locomotiva (Fig. 7) gravada por Alcino Tomé, em 1944, que confessou: «Se os antigos fizeram, porque não haveria eu também de mostrar a minha arte?».

e, inclusive, poderá haver referência ao orago, Santa Eulália. Algo como «En a bespera de [...] / Maria de Março (?) [...]». Sendo assim, tratar-se-ia duma indicação cronológica. Estranhei que as duas linhas finais – mais legíveis – estivessem como que desgarradas das anteriores, quase dando a entender que se trata de inscrição posterior e que se deviam a mão diferente. Inclinei-me para isso, a princípio; contudo, a análise da pátina (feita, ressalve-se, apenas através da fotografia e não *in situ*) e do traçado das letras (mormente do **a**) levou-me a pôr de lado essa hipótese. Sendo assim, as linhas de cima trazem uma indicação cronológica, ou seja, a data em que «esta capela foi...».

Também há a observar o carácter rude do suporte, aparentemente não aparelhado, parecendo ter sido aproveitada uma laje que estaria por ali à mão, sem ser geometricamente muito trabalhada para inserção em lugar de relevo no templo. A possibilidade de ter sido originalmente incrustada na parte inferior da fachada, quase rente ao solo não será, pois, desprecienda.

Por consequência, o olhar mais atento do paleógrafo requeria-se, aqui, não só para trazer luz sobre a identificação dos caracteres e consequente leitura e decifração, mas também para apontar para uma cronologia, se é que não estava indicada no letreiro, como é normal. Consultei, pois, o Doutor Saul Gomes, que, numa primeira análise (que muito lhe agradeço) – «com tempo e com outro tratamento da imagem talvez se consiga apurar algo mais», escreveu –, considerou que se há-de ver no início uma cruz e que os três signos da linha 3 poderão ser interpretados como X, de forma que uma frase como **en'a era de [pto (xpto?) de] mil e [quinhentos e (?)] xxx anos** poderá ser viável. Para a palavra em capitais, aponta a leitura FECIM, «fiz». Quanto à última palavra, sugere também a hipótese «Parecem-me caracteres de entre finais do século XV e inícios do XVI, “cursivo manuelino”», acrescentou.

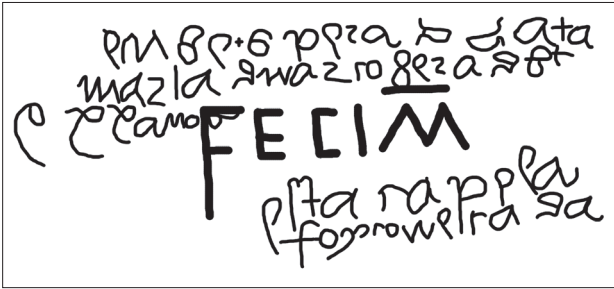


Figura 6c.

Por conseguinte, de ‘impossível’ o texto irá paulatinamente, estou em crer, tornar-se possível, contribuindo para a história da igreja onde esteve inserida.⁷

6. Conclusão

Foi na revista *Estudos de Castelo Branco* que D. Fernando de Almeida publicou (1962) o seu estudo sobre a divindade indígena *Trebaruna*. Desde então, outros textos aí foram dedicados à epigrafia romana da região. Retomando-se agora uma publicação que, por via das circunstâncias, não tem podido manter a regularidade desejada, pareceu-me bem, acedendo ao convite do Dr. Pedro Salvado, aduzir alguns exemplos, ainda que não da região, sobre o que é o mester do epigrafista e como ele se não cinge – como até há pouco se poderia ter pensado – à época romana.

7 - Post-scriptum: E assim sucedeu, de facto. Cristiano Marques não descansou enquanto não voltou a debruçar-se sobre a epígrafe; e, a 29 de Fevereiro de 2012, escreveu-me o seguinte (que agradeço, porque se me afigura ter resolvido a decifração): «Depois de analisar com mais cuidado, a proposta final é:

EM BESPERA D(e) SA(n)TA / MARIA D(e) MARCO HERA D(e) Bos / C XX ANOS / FECIMus / ESTA CAPELA / FOY COMECADA

Inscrição comemorativa da fundação de uma capela, em vésperas de Santa Maria de Março, que corresponde à Anunciação do dia 25, do ano de 1520. A inscrição imita o tipo de letra dos textos manuscritos do século XVI, destacando-se a palavra “FECIMUS”, abreviada da forma costumada na época medieval e moderna, com caracteres maiúsculos bem desenhados. Os caracteres são próprios dos documentos da primeira metade do século XVI, assinalando-se a utilização do numeral em letras romanas capitais, com o característico “B” em vez do “V” (=5), ao qual se junta o “C” (BC = 500). Em anexo envio o decalque final (Fig. 6c).

Assim, com o primeiro exemplo, fizemos uma incursão na História do Portugal seiscentista, acentuando mais um aspecto da vida e obra de Manuel Severim de Faria, tendo-se aproveitado o ensejo para referir duas das suas facetas de pensador bem integrado no tempo, aliás, plenas de actualidade: como preconizou o aumento de população para que mais se produzisse (e, conseqüentemente, menos se importasse), uma ideia inscrita no que chamaríamos as teses pré-mercantilistas; e o sábio aproveitamento da conjuntura: já que estávamos integrados no império espanhol, que pelo menos a sua ‘cabeça’ fosse Lisboa, sugestão de muitos autores que escreveram nos anos 20 do século XVII. Do ponto de vista epigráfico, verificámos como um simples ex-voto nos possibilitou também reflexões de variada índole.

O segundo caso abordado, pelas circunstâncias que envolveram a sua descoberta e análise afigura-se-me igualmente paradigmático, pelas pistas que lança no domínio da História da Arte (designadamente no que concerne às tapeçarias e seus motivos diz respeito) e do aproveitamento dos textos clássicos, nem sempre com o devido respeito pelo seu contexto inicial: um conselho, de teor didáctico, de Horácio acerca da forma de escrever foi adaptado a máxima de comportamento corrente: passa pelo infortúnio e eu terei pena de ti!... Um tópico literário amiudadas glosado depois e que, como se sugeriu, pode até ter sido usado como legenda de uma cena mitológica, em que os intervenientes poderiam ter sido Telefo e Peleu, por Horácio citados a título de exemplo.

A inscrição da sacristia da igreja paroquial de Encinasola serviu (além do mais...) para sublinhar o interesse que havia em certas passagens do ritual serem duradouramente fixadas em pedra e colocadas nos sítios certos.

O retábulo da aparição de Cristo a Santa Maria Madalena, atribuído

a João de Ruão, artista que em 1518 se instalou em Coimbra chamado por D. Manuel I, mostrou como os textos litúrgicos, inclusive os do Breviário, sempre estiveram presentes e foram usados como legendas. Uma pesquisa que se revelou deveras aliciante.

Finalmente, a pedra de Sobrosa, testemunho seguramente já não digo da construção da igreja de Santa Eulália – pois dela há notícias desde meados do séc. XIII – mas de uma eventual remodelação, constitui, a meu ver, uma prova de como, na Idade Média, tendo-se perdido ou voluntariamente abandonado o costume, que poderia ter sido imitado dos Romanos (pagãos...), de lavrar bonitos monumentos epigráficos, de letras bem desenhadas, se procurou passar para um suporte duradouro o que habitualmente se lavrava em pergaminho e com o mesmo tipo de letra. Daí, a nossa dificuldade de compreensão e de interpretação; e, também, a relevância da necessária aproximação entre o paleógrafo e o epigrafista – para, de impossível numa primeira abordagem, essa epigrafia venha a ser, depois, bem possível e fornecedora de elementos úteis à História Local, que nessas aparentemente insignificantes pedras com letras sempre encontrará alfobre de novas informações.⁸

Cascais, 1 de Dezembro de 2011

8 - Este texto integra-se no projecto de investigação do grupo Epigraphy and Iconology of Antiquity and Medieval Ages, do Centro de Estudos de Arqueologia, Artes, Ciências do Património (Unidade I&D nº 281 da Fundação para a Ciência e a Tecnologia). Fora inicialmente pensado para a revista *Estudos de Castelo Branco*; optou-se, agora, pela sua inclusão na revista *Materiaes*.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA (D. Fernando), «Trebaruna, deusa lusitana», *Estudos de Castelo Branco* 6 (Outubro 1962) 67-74.
- ENCARNAÇÃO (José d'), «Os Diálogos do Sítio de Lisboa, de Luís Mendes de Vasconcelos», *Olisipo* 125-126 (Janeiro/Junho 1969) 37-51.
- ENCARNAÇÃO (José d'), «Um elogio político: Cascais visto por Frei Nicolau de Oliveira», *Arquivo de Cascais* 6 1987 85-97.
- FARIA, Manuel Severim de, *Discursos Vários Políticos*, Évora, 1624.
- FARIA, Manuel Severim de, *Noticias de Portugal*, Lisboa Ocidental, 2ª edição, 1740 (acrescentadas pelo P^o D. Joze Barbosa). [1ª edição, 1655].
- HORÁCIO, *Arte Poética*, Clássicos Inquérito, Editorial Inquérito, Lisboa, 1984. Introdução, tradução e comentário de R. M. Rosado Fernandes.
- RODRIGUES (Mário Rui Simões), *Viagens pela História de Alvaiázere*, Edição do Município de Alvaiázere, Outubro de 2006.
- RODRIGUES (Mário Rui Simões) e GOMES (Saul António), *Notícias e Memórias Paroquiais Setecentistas – 5 – Alvaiázere*, Palimage, Viseu, 2007, p. 107-108.
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *Viagens em Portugal de Manuel Severim de Faria: 1604-1609-1625*, Academia Portuguesa da História, Lisboa, 1974.

SUMÁRIO

NOTA DE ABERTURAp. 3

SABERES:

- Os Três Tempos da Crise nos Museus - Luís Raposop. 7
- A Epigrafia (Im)Possível - José d'Encarnaçãop. 19
- Os Amigos do Museu como Agentes de Mudança e Desenvolvimento Cultural -
Benedicta Duque Vieirap.41
- Cidadania Cultural Activa - Manuel Lopes Marcelo p. 47

TERRITÓRIOS e MEMÓRIAS

- O Castelo da Serra do Carregal (Malpica do Tejo, Castelo Branco): Notícia
-Francisco Henriques, Mário Chambino, Paulo Félix e João Caninas p.51
- Uma Inscrição Romana de Castelo Branco nas Coleções de Idanha-a-Velha –
Nota de Investigação - Pedro Miguel Salvado..... p. 59
- As coleções de F. Tavares de Proença Júnior no Museu Arqueológico do
Fundão - Joana Bizarro p. 69
- A Fortaleza Quinhentista Albicastrense de Duarte D' Armas - Elsa Maria
Branco da Silva p. 75
- Projecto: Construção do Futuro Museu do Bordado de Castelo Branco - João
André Faria e Leitão..... p. 89
- Castelo Branco e Outras Terras do Distrito num Documento Manuelino da
Ordem de Cristo - Joaquim Candeias da Silva p. 97
- Singular Letreiro de Porta de Castelo Branco - José d' Encarnação..... p. 105
- A propósito de uma Pintura de Fernando Namora do Museu de Francisco
Tavares Proença Júnior - Maria Adelaide Neto Salvado..... p. 115

LETRAS E MEMÓRIAS

- Trebaruna de José Leite de Vasconcelos, Deusa Lusitana Ode heróica em três
idiomas - Maria do Sameiro Barroso.....p. 127
- Camilo em Castelo Branco - Maria de Lourdes A. Ferraz p.141
- De antigo Paço Episcopal a Escola Comercial e Industrial – Memórias I –
Passado. Presente. Retalhos – Maria do Céu Santos Varão..... p. 151
- A Revista 'Materiaes Para o Estudo das Antiguidades Portuguesas'(1910-2010)
- Pedro Miguel Salvado, Joaquim Batista p. 153